

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

68

(INSCRIÇÕES 305-308)



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
2001

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.*

*Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.*

*O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.*

*O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.*

*As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome.*

*The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.*

*FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.*

*The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

*All contributions should be sent to the editors:*

José d'ENCARNAÇÃO  
Instituto de Arqueologia – R. de Sub-Ripas, P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS  
Av. Madrid, 24, 2º dtº, P-1000-196 LISBOA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de*

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA  
CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

---

Depósito Legal N° 21216/88

ESTELA FUNERÁRIA DE SANTIAGO DOS VELHOS  
(*Conventus Scallabitanus*)

Foi Octávio da Veiga Ferreira quem deu conhecimento da existência, em Santiago dos Velhos (concelho de Arruda dos Vinhos), de «uma lápide sepulcral cravada ao alto», de que apresentou leitura e fotografia<sup>1</sup>. Contudo, quer pela escassa divulgação que esse número do Boletim terá tido, quer por aí se relacionar o topónimo com a «folha de Loures» da carta geológica que o autor estava a elaborar e com Bucelas – localizou Santiago dos Velhos «a norte de Bucelas», o que, sendo verdade, não leva de imediato a que se pense em Arruda dos Vinhos – o certo é que não nos parece que o texto tenha entrado nos circuitos dos *corpora* habituais. Como, por outro lado, se trata de mera notícia, ainda que correcta, ousamos retomar o estudo epigráfico da peça, inclusive em memória do Mestre e em jeito de singela homenagem.

Trata-se de uma grande estela de calcário cinzento, de cuja inscrição hoje se vêem apenas duas linhas, pois a pedra está enterada, embora Veiga Ferreira tenha visto uma terceira, que vamos

---

<sup>1</sup> Octávio da Veiga FERREIRA, «Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos», *Junta Distrital de Lisboa – Boletim Cultural*, 79/80, 1973-74, 131-150, p. 141-142. Nesse mesmo artigo, o autor dá conta de que, «a escassos metros desta lápide», viu «um fragmento doutra pedra com inscrição mutilada», pois foi sextavada para reutilização. Apresenta, «com muita dúvida», a leitura IVLI M, na primeira linha e, deixando um espaço na paginação, que pode corresponder à presença duma outra cartela (a que, porém, se não refere), PIALMA. Considera que é «quebra-cabeças» para os «nossos epigrafistas» decifrarem; o certo é que, se, na l. 1, se pode reconstituir o genitivo IVLI (o que não destoa dos hábitos epigráficos regionais) seguido do *praenomen* a indicar o patronímico – M(*arci*) – na l. 2 teremos, certamente, um *cognomen*, que será arriscado ‘inventar’ enquanto o monumento se não voltar a encontrar.

considerar. O topo é semicircular, apresentando três semicírculos concêntricos de banda larga (diríamos), rebaixados. O texto distribuiu-se por três cartelas rectangulares – de 59 x 8 e 58,5 x 8, respectivamente, as duas actualmente a descoberto – obtidas também por desbaste da superfície. No seu todo, tipologicamente muito semelhante, por exemplo, à epígrafe de *Rufus Bovii*, da Louriceira (S. Pedro, Torres Vedras)<sup>2</sup>, a denunciar fabrico da mesma oficina, quiçá<sup>3</sup>.

Dimensões: 69 (acima do solo) x 66,5 x 11,5.

AMOENA / MAELGEINI / H(ic) S(ita) E(st)

*Aqui jaz Amena, de Malgeino.*

Alt. das letras: l. 1: 7; l. 2: 6. l. 3: ?

A paginação seguiu a simetria natural da estela, desconhecendo-se se, na l. 3, há ou não pontos de separação entre as siglas. Caracteres actuários, amplos: A com barra; O elíptico; G de haste breve a curvar para dentro.

Epitáfio simples, dos primórdios do século I da nossa era. *Amoena* é *cognomen* latino muito frequente, usado amiúde em contextos indígenas, como aqui. O pai apresenta um nome tipicamente lusitano, *Malgeinus*, aqui grafado com mais um E, registo de uma pronúncia estranha aos ouvidos do lapicida. De resto, Abascal registara *Mailgenus* (este, a nosso ver, duvidoso), *Malceinus*, *Malcenus* e *Malgenus*; e refere a «escasa presencia de ejemplos en genitivo»<sup>4</sup>, de que ora aqui temos um.

GUILHERME CARDOSO  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

---

<sup>2</sup> Cf. Vasco Gil MANTAS, «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga* 21 1982 5-99, sobretudo p. 65 para a descrição.

<sup>3</sup> Aliás, embora com mais elementos decorativos, também destas se deve aproximar a estela que V. Mantas estudou sob o n.º 9 (*ibidem*, p. 53-60), achada em Portucheira (Matacães, Torres Vedras), no mesmo horizonte cultural, portanto.

<sup>4</sup> Cf. Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 410 e 411.



305

*Ficheiro Epigráfico*, 68, 2001

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DA SERRA DE S. JULIÃO  
(*Conventus Scallabitanus*)

Encontra-se embutida na parte inferior direita da fachada da capela existente na Serra de S. Julião (freguesia da Carvoeira, concelho de Torres Vedras) uma pedra de lioz branca com inscrição funerária romana (foto 1).

Desconhece-se a sua tipologia (poderia ser placa ou cipo), porque foi ao fazer-se a ‘picagem’ das paredes para nova pintura que se topou o letreiro e inteligentemente parte substancial dele (mas só isso) foi deixada a descoberto e elegantemente ‘moldurada’ pela nova argamassa (foto 2). Contudo, a circunstância de ele se encontrar deitado leva-nos a supor que estaremos, muito provavelmente, perante um cipo paralelepípedo, tipologia comum no *ager Olisiponensis*. Também poderia ser o fragmento de uma cupa<sup>1</sup>, mas, para isso, certamente não teria a invocação aos deuses Manes, que não é vulgar nas cupas, e a distribuição do texto no espaço epigráfico também teria que ser outra.

Não dispomos de elementos que nos permitam saber donde veio nem em que época a pedra foi ali colocada, embora sejam antigas as referências a este templo<sup>2</sup>.

Também não encontramos referência a que, alguma vez, tenha sido estudado. Na verdade, Vasco Mantas – que alude, com base nas informações colhidas em Ricardo Belo, que houve obras na

---

<sup>1</sup> Quando da nossa visita ao local para efectuarmos a fotografia da epígrafe, encontrámos o fragmento de uma cupa (cerca de metade) de lioz branca, que igualmente se fotografou (foto 3). Não procedemos, na altura, a uma análise mais pormenorizada da peça, que, entretanto, levou descaminho. O topo que restava não era o epigrafado.

<sup>2</sup> Cf. Vasco Gil MANTAS, «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga* 21 1982 5-99, sobretudo p. 72.

ermida em meados da década de 70 do século XX – analisou cuidadosamente um outro importante monumento epigráfico romano, nessa capela encontrado a servir de pedra de altar<sup>3</sup>, e refere-se à existência de mais uma inscrição na Quinta da Rainha e de uma terceira na própria ermida, mas nenhum dos textos é coincidente com este<sup>4</sup>.

Considerando, pois, que junto à capela se identificaram vestígios de uma provável necrópole, visíveis num corte do terreno<sup>5</sup>, é bem provável que todos estes monumentos epigráficos sejam provenientes do próprio local.

Dimensões visíveis: 50,2 x 44.

D(iis) M(anibus) / LABERIAE MAR[CI] / FILIAE AVITE / AN(norum) XXXV (quinque et triginta) / <sup>5</sup> ELBIVS [sic] AVITIAN[VS] / PATER FILIAE / P(ientissimae) (hedera) F(aciendum) (hedera) Q(uravit) [sic]

*Aos deuses Manes. De Labéria Avita, filha de Marcos, de 35 anos. Élbio Avitiano, o pai, à filha modelo de piedade mandou fazer.*

---

<sup>3</sup> Art. cit., inscrição n.º 12. Cf. também Luís da Silva FERNANDES, «A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*», *Portugalia* 19-20 1998-1999 172. Esclarece Vasco Mantas que a pedra esteve «na parede do pátio da Quinta da Rainha, para onde fora levada da ermida da Serra de S. Julião» e se encontra depositada no Museu de Torres Vedras «por especial deferência dos herdeiros de D. Segismundo de Alarcão». A epígrafe é classificada como «tampa de arca cinerária»; contudo, as suas dimensões – 174 x 61 x 17 – e o seu conteúdo textual (a dedicatória feita *de suo* por *Iulia Marcella* a seu marido, *Q. Caecilius Caecilianus*, que foi edil, e a seu filho, *M. Caecilius Avitus*), inclinam-nos a pensar, hoje, que estamos perante placa monumental, a ser colocada no frontispício de imponente jazigo de família.

<sup>4</sup> Com efeito, a segunda inscrição, entretanto desaparecida, teria o seguinte texto: TERENTIA / C. F. STACTE [sic?] / H. S. E. SIT. TIBI / TERA [sic]. LEVIS (art. cit., p. 78). Esta referência, colhida igualmente em Aurélio Ricardo BELO («Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. Epigrafia luso-romana», *Badaladas*, 50, 1952), terá, a uma primeira vista, passado inteiramente despercebida aos investigadores. O mesmo aconteceu, decerto, à terceira epígrafe, também ela conservada na mesma ermida, «numa parede, até há bem poucos anos» (*ibidem*), cujo texto consignava a homenagem feita [*ex te*]stamento por um *Rufus* a [*M*]ascellio [?] Severus.

<sup>5</sup> CARDOSO (Guilherme) e LUNA (Isabel de), «Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras», comunicação apresentada ao Congresso *A Presença Romana na Região Oeste*, organizado pela Câmara Municipal do Bombarral, a 23 e 24.11.2001, n.º 8 [no prelo].

Alt. das letras: l. 1: 7,5; l. 2: 5; l. 3: 5,2; l. 4: 5,6; l. 5 e 6: 5,4; l. 7: 5,2. Espaços: 1: 2; 2: 1; 3: 1,6; 4: 1; 5: 1/1,2; 6: 1,2; 7: 1,4; 8: 2,8.

A paginação parece ter sido feita segundo um eixo de simetria, se atentarmos designadamente na linha final, ainda que a invocação aos Manes sugerisse uma tendência para alinhamento à esquerda. Aliás, essa ‘anomalia’ poderia levar à reconstituição de um S – S(*acrum*) – nessa l. 1, porquanto, se considerarmos que, na l. 2, não se vêem as duas últimas letras, haveria, em princípio, espaço para o S. Cremos, porém, que o espaçamento entre o D e o M é demasiadamente grande para se pensar em mais uma letra colocada simetricamente; por outro lado, a epigrafia da zona (vide, por exemplo, a inscrição n.º 8 estudada por Vasco Mantas) aponta em dois sentidos: na omissão de S(*acrum*) e no conseqüente uso do genitivo: daí termos também preferido traduzir por «de Labéria» em lugar de «a Labéria». Na l. 5, distingue-se, apesar da sombra da foto, a primeira haste do N e não veríamos com maus olhos a hipótese de o *ordinator* ter recorrido, aí, à utilização de VS em módulo mais pequeno (circunstância que só numa próxima limpeza se poderá confirmar). É ainda provável que tenha sido usada pontuação, que ora se não vê por causa da camada de argamassa subsistente; no entanto, são elegantemente cordiformes e pecioladas, postas em posição quase vertical, as heras da última linha.

Caracteres actuários, denotando o *ductus* ligeira inclinação geral para a esquerda: o A poderá ter barra sempre, ainda que só nalguns ela seja visível devido à argamassa que lhe não foi retirada; B assimétrico (pança superior maior); barras horizontais breves, levemente oblíquas, sobretudo no F; X e V simétricos. Assinale-se o nexu MA na l. 2; e o uso de Q (em vez de C) na fórmula final.

O gentílico latino *Laberius* tem outros testemunhos na epigrafia desta zona litoral da Lusitânia<sup>6</sup>. A nível peninsular, Abascal refere pouco mais de uma vintena de exemplos<sup>7</sup>. O cognome latino

---

<sup>6</sup> Cf. José d'ENCARNAÇÃO, *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 2001, p. 60. Em S. Miguel de Odrinhas (Sintra), um *M. Laberius*: cf. J. Cardim RIBEIRO, «Análise de uma epígrafe dos *agri olisiponenses* à luz do epigrama LXXXIV de Catulo», *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*, Mérida, 2000, p. 361-378.

<sup>7</sup> Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 167.



*Avitus* é, ao invés, o terceiro mais atestado na Península Ibérica<sup>8</sup>. *Elbius* constitui uma variante gráfica – até agora não documentada, que saibamos, na Hispânia – do *nomen* latino *Helvius*, que também aparece grafado sem H (cf. ABASCAL 1994 p. 131 e 148-149); trata-se de um gentílico vulgar, de que, por exemplo, a capital da Lusitânia apresenta diversos testemunhos. *Avitianus*, por seu turno, também ele *cognomen* latino, contará, na Península, com dúzia e meia de exemplos (cf. ABASCAL 1994 p. 294). Em suma, uma onomástica perfeitamente latina, ainda que – no uso do *praenomen* por extenso, na alternância gráfica do som E (AE e E), na grafia *Elbius* – a oralidade, mais do que o exacto conhecimento da escrita, denuncie uma ‘romanização’ incipiente.

Poder-se-ia levar à conta desse ainda débil ‘enfronhar-se’ nos esquemas onomásticos romanos a circunstância de a filha não deter o mesmo gentílico do pai, facto que, à partida, nos colocaria perante a hipótese de a considerarmos ilegítima. A ausência – na pedra – do *praenomen* do pai, se pode, por um lado, justificar-se por ter vindo em extenso na l. 2, também seria susceptível de nos causar estranheza: estaríamos mesmo em presença de uma filiação legítima? Na epígrafe acontece, porém, algo de assaz curioso neste domínio: a menção por extenso da palavra *filiae*, por duas vezes. Se isso igualmente nos poderia levar a pensar em incipiente romanização (e é disso outro sintoma, sem dúvida) não será menos certo que tal insistência, acrescida da – desnecessária e redundante – presença da palavra *pater*, nos incita a reflectir: deve tratar-se de uma filiação legítima, por certo, e tais ‘reforços’ visam acentuar esse dado, de que a não-coincidência de gentílicos poderia fazer suspeitar. De qualquer modo, legítima ou não, temos de compreender que, nesta homenagem paternal, o que efectivamente conta é a dor da perda de uma filha – ou de alguém a quem se quis como filha – falecida ainda na flor da idade. E as heras da fórmula final quase nos apetece dizer que são, no fundo, mais um sinal dessa dor sofrida...

Pela paleografia e, sobretudo, pelas características textuais assinaladas, poder-se-á atribuir à epígrafe uma datação da segunda metade do século I da nossa era ou mesmo do século II.

GUILHERME CARDOSO  
JOSÉ D’ENCARNAÇÃO  
ISABEL LUNA

---

<sup>8</sup> ABASCAL 1994 p. 292-295: «es el tercer cogn. más frecuente en Hispania (197 testimonios)».



306. Fot.1



Fot.2



Fot.3

ESTELA DAS FERRARIAS (TORRES VEDRAS)  
(*Conventus Scallabitanus*)

Já se conhece há quase dez anos uma estela, de arenito com abundante mica e manchas vermelho-acastanhadas, achada na *villa* romana das Ferrarias<sup>1</sup>, Vila Facaia, freguesia do Ramalhal, concelho de Torres Vedras, pertencente a Artur Filipe Ferreira, a quem agradecemos as facilidades concedidas para o seu estudo.

Está irregularmente partida, de modo que se não pode ajuizar da sua forma original, mormente discernir se teria sido facetada. Dá-nos, porém, a impressão de que o mais provável é que o *ordinador* tenha aproveitado a superfície de uma ‘lasca’, digamos assim, sem mais preocupações estéticas.

Dimensões: 37 x 29,5 x 8.

[...]T̄VS B̄[...]B̄VEM F(*ilius*) / CETATIL/VS BOVI(*i*) /  
<sup>5</sup> TAPVRVS / MIRANI F(*ilius*) / [...]

[...], filho de [...]; Cetatilo, de Bóvio; Tapuro, de Mirano [...]

Alt. das letras: l. 1: (2,2); l. 2: 4; l. 3: 6; l. 4: B = 5,9, O = 2,3; l. 5: T = 3,6, P = 5, V = 2,4; l. 6: I = 3, R = 4,5. Espaços: muito irregulares.

<sup>1</sup> O sítio sempre foi conhecido, apenas, como “Ferrarias”. A hipótese de se tratar de uma *villa*, apresentou-a Isabel Luna, pela primeira vez, devidamente fundamentada, num texto publicado no jornal *Badaladas*, de Torres Vedras («Uma terra de ferreiros», *Badaladas*, n.º 2264, suplemento Freguesias, n.º 12, Torres Vedras, 28.05.1999, p. 7) e foi retomada pela mesma e por Guilherme Cardoso, mais aprofundadamente, na comunicação feita, no Bombarral (Nov. 2001), ao congresso *A Presença Romana na Região Oeste* («Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras», em vias de publicação).

A inscrição foi gravada com estilete, ao sabor do gesto, do que resultou uma escrita quase cursiva, embora de capitais. Vejam-se, por exemplo: o E claramente gravado com dois ductos, a começar em cima à direita e a formar como que um primeiro C rectangular, a que se juntou a barra intermédia; o B, cuja pança ondulada foi riscada duma só vez; o O, resultante de dois movimentos de cima para baixo, à esquerda e à direita; o S, inclinado para diante e feito também duma só vez; o V, de vértice arredondado; o R, cuja perna foi nitidamente acrescentada ao P que se grafara com pança oblonga.

Na l. 1, a antepenúltima letra do primeiro nome poderá ser T, por analogia com o primeiro T da l. 3 e atendendo ao espaço até ao V, a não permitir uma letra mais larga. Parece-nos seguro reconstituir B, de que apenas se observa a barriga inferior, podendo haver em seguida uma outra letra, desaparecida na fractura.

A letra inicial da l. 2 será igualmente B, por semelhança com o B da actual l. 4; no final, um F de barras muito oblíquas, a conferir-lhe um traçado quase cursivo; seríamos tentados a ver, no breve prolongamento superior da haste, um eventual nexo FI.

A l. 3 não oferece dúvidas de leitura, notando-se apenas que a superfície lascou entre duas barras do E; que um dos TT está alevantado e que a perna da esquerda do A se prolonga para além do vértice, o que, denotando mais uma vez a cursividade do conjunto, mais nos incita a não considerar o nexos FI atrás referido.

A l. 4 destaca-se pela irregularidade dos caracteres: quase diríamos que estamos em presença de um grafito, não fora a relativa profundidade da gravação. Atendendo ao conjunto, o texto dessa linha terminava no I.

Na l. 5, a lasca inicial levou metade da barra do T, que, no entanto, se reconstitui sem dúvidas, não subsistindo também dificuldades no demais.

Na l. 6, parece claro o nexos AN a que se seguirá um N grafado quase como se fosse IV; mas também pode ter acontecido – e para isso nos inclinamos – que o *ordinator* tenha pensado no nexos, que depois apagou e, daí, estar menos perceptível a eventual perna da direita do suposto N. N duplo é tão raro na epigrafia que optamos por esta interpretação. No fim da linha, sucede o mesmo que na l. 2, apesar de, aqui, as barras estarem menos perceptíveis: temos um F.

A inscrição continuava para baixo – há vestígios de letras impossíveis de determinar.

Estamos perante uma lista de indivíduos, identificados à maneira indígena: um nome seguido do patronímico, com ou sem menção expressa da filiação. Aliás, essa indefinição poderá justificar as dúvidas de interpretação surgidas nas linhas 2 e 6, uma hesitação que poderá corresponder à hesitação do próprio lapicida, porque não? A dificuldade maior reside no facto de – à excepção do genitivo BOVI, já atestado inclusive na epigrafia romana torreense<sup>2</sup> e de TAPVRVS, clara variante, ainda não documentada, que saibamos, do nome *Tapurus*, a que se tem atribuído uma conotação geográfica e étnica<sup>3</sup> – os antropónimos aqui patentes se revelarem desconhecidos, pelo menos com esta grafia.

Do primeiro patronímico falta a segunda letra, que certamente desapareceu com a fractura: será difícil optar entre BOBVEMVS, BVVBEMVS ou BEBVEMVS, ainda que o registo do genitivo *Boboani*, em *Bracara Augusta*, e de *Boblaeni*, em *Conimbriga*<sup>4</sup>, nos permita inclinar-mo-nos mais para a primeira hipótese.

CETATILVS é testemunho singular, sendo –ILVS, seguramente, um sufixo latino de diminutivo. Não sabemos, porém, se o radical o deveremos procurar na antroponímia pré-romana ou, por exemplo, na apropriação de nomenclatura grega, o que também não seria de estranhar. Em todo o caso, a presença de nomes como *Bovius* e *Tapurus*, tidos como claramente de raiz autóctone, lusitana até, poderia levar-nos a uma relação com o nome *Caitta*, registado em Palência, que María de Lourdes Albertos relaciona, na sequência de outros celtistas, com o indo-europeu \**ghaita*, a significar «pêlo ericado ou ondulado», donde derivaria, inclusive, o grego *χαίτη*<sup>5</sup>. Trata-se, porém, de congeminações inconclusivas.

Ao genitivo *Mirani* se refere M<sup>a</sup> Lourdes Albertos, apresentando testemunhos da Bélgica e da Gália Cisalpina, relacionando-o com *Miro*, radical presente em *Mirobriga* (*o. c.*, p. 158).

Matéria-prima fértil, por conseguinte, para os estudos onomásticos, sendo aliciente perguntarmo-nos, por outro lado, que signifi-

---

<sup>2</sup> Cf. Vasco Gil MANTAS, «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga* 21 1982 5-99, inscrições n<sup>os</sup> 6 e 11.

<sup>3</sup> Vide Ana Paula Ramos FERREIRA, «Sobre a dispersão dos *Tapori*: algumas notas de reflexão», *Conimbriga* 39 2000 153-192.

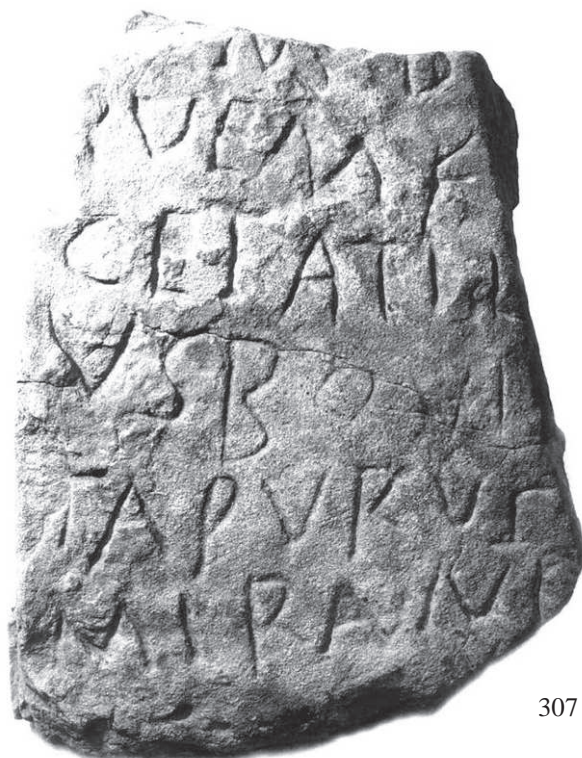
<sup>4</sup> Cf. Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 301.

<sup>5</sup> María Lourdes ALBERTOS FRIMAT, *La Onomástica Primitiva de Hispania, Tarraconense y Betica*, Salamanca, 1966, p. 71.

cado terá a epígrafe. Ou seja, inclinar-nos-íamos, à primeira vista, para a vermos como lousa sepulcral, a identificar sepultura colectiva. Será? Temos dúvidas, que se fundamentam sobretudo na abundância de nomes e no carácter formalmente grosseiro do documento, quer no que se refere à tipologia quer à descuidada gravação quase em jeito (dir-se-ia) de apontamento quotidiano a atestar uma presença.

Pelo modo de identificação dos personagens (a paleografia, aqui, não poderá ser considerada elucidativa, dadas as já assinaladas características do conjunto), é monumento que atribuiríamos à primeira metade do século I da nossa era, em que a passagem a escrito, em Latim, da onomástica indígena estava ainda incipiente.

GUILHERME CARDOSO  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
ISABEL LUNA



307

ARA ANEPÍGRAFA DE MONSANTO  
(*Civitas Igaeditanorum*)

Ara, de granito de grão muito fino, de tom acastanhado e com a superfície do fuste muito polida, sem qualquer vestígio de inscrição. É propriedade do Dr. Luís Ferreira da Trindade, tendo sido encontrada, muito provavelmente, na Quinta do Burrinho Novo, Relva, freguesia de Monsanto, concelho de Idanha-a-Nova.

Dimensões totais: 83 x 41 x 38. Dimensões do fuste: 36 x 27 x 23.

O capitel está danificado (foi baleado), mas é possível ver-se um toro que circunda toda a peça, seguindo-se-lhe uma gola directa. A base está mais bem conservada, com moldura de gola reversa seguida de toro, também aqui sinalado por dois filetes em cima e em baixo. Enfim, tanto no capitel como na base, uma molduração de tipo clássico, características, se assim se pode dizer, dos primórdios da romanização.

O facto de não ostentar qualquer inscrição é sintoma de que proviria de uma oficina, onde aguardava encomenda. Tipologicamente – e atendendo ao que conhecemos da epigrafia da região – serviria para receber um epitáfio ou um ex-voto.

ROGÉRIO P. CARVALHO  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



308

*Ficheiro Epigráfico*, 68, 2001